

Galvêas: a esperança de mais dólares em setembro.

Até setembro, os banqueiros estrangeiros deverão liberar os US\$ 1,2 bilhão, referentes às duas parcelas do empréstimo-jumbo acertado no início do ano, e até agora retidas à espera de autorização do Fundo Monetário Internacional. Este aliás é um dos principais objetivos da atual viagem do ministro Delfim Neto a Paris, segundo afirmou ontem em Brasília o ministro da Fazenda, Ernane Galvêas. Outro objetivo da viagem foi comunicar a suspensão do pagamento da dívida, inclusive juros, contraída junto ao Clube de Paris.

Galvêas descartou a possibilidade de o governo recorrer ao Tesouro norte-americano, na tentativa de conseguir um empréstimo-ponte de US\$ 2 bilhões até que sejam liberadas as parcelas retidas do FMI — US\$ 820 milhões — e do empréstimo-jumbo concedido pelos bancos comerciais. Isso, então, atenuaria a atual situação de insolvência.

O ministro da Fazenda assegurou que o governo ainda não chegou a números definitivos sobre a necessidade de novos recursos para fechar o balanço de pagamentos deste ano. De acordo com previsão inicial, o déficit em conta corrente, em 84, ficaria próximo a US\$ 6 bilhões, mas a disponibilidade dos banqueiros internacionais seria a de financiar somente US\$ 4,8 bilhões.

Fonte da área financeira informou que o governo já está prometendo aos banqueiros um saldo comercial de US\$ 9,5 bilhões no próximo ano, embora o diretor da Cacex, Carlos Viacava, tenha previsto na semana passada um saldo de apenas US\$ 8,5 bilhões. Oficialmente, a projeção ainda é de um saldo de US\$ 9 bilhões.

O que acontece, segundo a fonte, é que os banqueiros internacionais aceitam emprestar dinheiro novo para o governo pagar a metade dos juros no ano que vem, e a outra metade seria paga com o saldo comercial.

Comitê de renegociação

O presidente do Banco Central, Carlos Geraldo Langoni, adiou para hoje o encontro com os economistas do subcomitê de Economia do Comitê de Assessoramento da renegociação da dívida externa. Langoni ainda não sabe os resultados da atual viagem do ministro Delfim Neto à Paris, o que impede a discussão sobre a situação efetiva do fluxo de caixa do Brasil com os economistas dos bancos, Douglas Smee, do Banco de Montreal, Bryce Ferguson, do Citibank, e Robin Chapman, do Lloyd's Bank.

Após as medidas adotadas para atender ao Fundo Monetário Internacional, o Banco Central pouco tem a negociar, a nível técnico com os bancos estrangeiros. Agora, cabe aos bancos aceitar as projeções oficiais de que o País terá um superávit comercial de US\$ 9 bilhões e reduzirá o déficit em conta corrente para US\$ 6 a 6,5 bilhões, no próximo ano, o que baixará a necessidade de recursos novos em 1984, junto aos bancos comerciais, para US\$ 5,4 bilhões.

Ontem, os membros do subcomitê de Economia tiveram reuniões sucessivas com o chefe do Departamento Econômico do Banco Central, Alberto Furuguen. Ao contrário dos técnicos do FMI, o chefe do grupo dos economistas dos bancos, Douglas Smee, mantém total silêncio sobre o andamento dos trabalhos.

"Clube de Paris"

O governo suspendeu também o pagamento de juros aos países industrializados que integram o "Clube de Paris", disse Galvêas. Mas os juros dos bancos comerciais continuam sendo pagos religiosamente. Fontes da área financeira confirmam, porém, que este pagamento vem sendo feito com até três semanas de atraso.

Segundo fontes do Ministério da Fazenda, o governo suspendeu o pagamento da dívida ao "Clube de Paris", logo que o ministro do Planejamento, Delfim Neto, entregou carta ao presidente do organismo, Michel Camdessus, comunicando a intenção de negociar a dívida. O total de obrigações do Brasil com o "Clube de Paris", este ano, soma US\$ 500 milhões, e no ano que vem mais US\$ 1 bilhão.

O ministro confirmou que possivelmente irá à França em setembro, para iniciar formalmente as negociações. O presidente do "Clube", Michel Camdessus, reunirá os representantes dos governos credores. É possível que, na reunião, Galvêas seja submetido a uma sabatina sobre a administração da dívida, sobre a política econômica interna e as perspectivas do País.

As mesmas fontes lembram que o mais importante, no "Clube de Paris", é a negociação política com os governos, porque a dívida brasileira com o organismo é relativamente pequena, de apenas US\$ 8 bilhões.